

Brasil em chamas: disputas narrativas no Instagram em meio ao aumento das queimadas de 2024¹

Alice Souza Raimondi²
Isadora Gonçalves Eleutério Dias Araújo³
Fabio Gomes Goveia⁴
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Resumo

O presente artigo visa elucidar como as narrativas sobre as queimadas em 2024 foram marcadas por uma disputa discursiva, impulsionada pela polarização política e pela infodemia. A pesquisa baseia-se na comparação entre o número de focos de incêndio e o volume de publicações sobre queimadas no Instagram, complementada por uma análise qualitativa das narrativas mais difundidas no período e dos atores mais engajados. Os resultados apontam que, em vez de promover um debate crítico sobre as causas e soluções para a crise ambiental, a politização do tema contribuiu para o reforço de discursos polarizados e pouco produtivos.

Palavra-chave: Infodemia; Redes Sociais; Polarização Política; Crise Climática.

Introdução

O aumento nos índices de queimadas no Brasil persistiu como tema central nas discussões ambientais ao longo do ano de 2024. Segundo dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, Inpe, foram mais de 278 mil focos de incêndio de janeiro a dezembro de 2024, em comparação aos menos de 190 mil focos do mesmo período de 2023 ou os pouco mais de 200 mil do ano anterior. O fenômeno, intensificado pelos efeitos do aquecimento global, foi amplamente debatido no ambiente digital, que, por sua vez, difundiu um número exorbitante de informações conflitantes sobre o assunto de interesse público.

Nesse sentido, a disputa de narrativas desenrolou-se por seu potencial político, uma vez que o número de focos de incêndio se transformou em um parâmetro de comparação entre os governos opositores de Jair Bolsonaro (2018 - 2022) e Luiz Inácio

¹ Trabalho apresentado na IJ05 – Comunicação, Cultura Digital e Tecnologias, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 7º Semestre, do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, e-mail: alice.sr10@gmail.com

³ Estudante de Graduação, 7º Semestre, do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, e-mail: isadoraeleuterio@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho e professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, email: fabiogv@gmail.com

Lula da Silva (2023 - presente momento). A polarização política encontrou o ambiente ideal nas mídias sociais, onde, conforme Byung-Chul Han (2022), residem forças centrífugas que fragmentam a esfera pública. De acordo com ele, a atual conjuntura é marcada por um modelo de governo e de poder estruturado na tecnologia de informação e comunicação, a infocracia. Este modelo é menos autoritário do que as formas tradicionais de poder, como a disciplina e a vigilância, mas também controla os corpos contemporâneos. Ao invés de restringir e limitar a população, a infocracia funciona através da produção acelerada de informações e do estímulo ao desejo de consumi-las.

Somada a isso, segundo Lewandowsky (2020), a desinformação sobre as mudanças climáticas é cada vez mais difundida e organizada por redes bem estruturadas, o que evidencia o potencial da temática para o fomento do cenário desinformativo. Nesse quadro, os fatos são apropriados a fim de promover determinadas agendas com os mecanismos da desordem da informação. O propósito desse fenômeno é “influenciar a visão que as pessoas têm dos fatos, para causar confusão desinteressada ou interessada” (Santaella, 2018, p. 33).

Em meio às queimadas no pantanal, a existência de fogo nos biomas nativos não seria facilmente negada. Por isso, os interesses em negar as queimadas adaptaram o paradigma da desinformação de forma semelhante ao observado por Miskolci (2023) em relação ao contexto de pandemia de Covid-19 no Brasil. Segundo o autor, a estratégia de desinformação disseminada no período pandêmico apropriava-se de fatos científicos para instilar a discórdia e dificultar a formação de consensos coletivos. O autor também faz uma retrospectiva acerca das estratégias de desinformação utilizadas na segunda metade do século XX pela indústria do tabaco. Naquele contexto, as empresas de tabaco criavam campanhas de incerteza com o uso estratégico da ciência e da imprensa para postergar regulações e políticas governamentais.

Embora o paradigma da desinformação por meio da criação de incertezas continue a ser utilizado por grupos de interesses até os dias de hoje, foi por meio da polarização política, indissociável à segmentação midiática, que os fenômenos desinformativos foram fabricados durante o período pandêmico (Duarte e César; 2020). Tal estratégia foi readaptada para o contexto das queimadas de 2024. Arelado ao contexto de pós-verdade definido pelo Dicionário Oxford como aquele “[...] ambiente em que os fatos objetivos têm menos peso do que apelos emocionais ou crenças

“pessoais em formar a opinião pública”, a disputa de narrativas sinalizou o enfraquecimento da esfera pública no que tange a capacidade de gerar consensos críticos e informativos, bem como aponta Habermas (2023).

O presente estudo objetiva analisar como a produção de sentido acerca das queimadas ocorridas ao longo de 2024 foi atravessada por disputas discursivas no Instagram, estimulada pela polarização política e pelo cenário infodêmico. O artigo busca compreender de que forma o uso seletivo de dados e informações contribuiu para reforçar discursos antagônicos, desviando o foco da emergência ambiental e comprometendo a possibilidade de um debate crítico e coletivo sobre o tema.

A escolha do Instagram como objeto empírico se justifica por sua ampla adesão no Brasil, tanto por usuários comuns quanto por figuras públicas, já que a plataforma somou em 2024 cerca de 134,6 milhões de usuários no país, segundo o DataReportal, relatório anual sobre o uso da internet. Sendo uma plataforma centrada em conteúdos visuais e de fácil compartilhamento, o Instagram favorece a circulação de mensagens apelativas e emocionais, alinhando-se à lógica da pós-verdade, na qual crenças pessoais e afetos frequentemente se sobrepõem aos fatos objetivos. Além disso, seu alto potencial de engajamento torna a rede um espaço estratégico para a difusão de narrativas políticas polarizadas.

Metodologia

Para compor o corpus inicial da pesquisa, foram coletadas postagens do Instagram que utilizaram o termo “queimadas” entre 1º de janeiro e 1º de dezembro de 2024, totalizando 12.285 publicações. A coleta, realizada por meio da plataforma Pysa⁵, foi processada com o auxílio do script Ford⁶, permitindo a obtenção de metadados detalhados e arquivos em .gdf para a produção dos gráficos.

Em seguida, o conjunto de dados inicial foi filtrado para incluir apenas as publicações dos 50 atores que obtiveram maior número de interações por *post*, resultando em um *dataset* de 238 linhas. Esse recorte serviu como base para a análise

⁵ Plataforma web construída pelo Laboratório de Internet e Ciência de Dados, Labic, da Universidade Federal do Espírito Santo. A partir do acesso a API pela Content Library, disponibilizada pela Meta, a plataforma permite a extração e análise de metadados de redes sociais como o Instagram e o Facebook.

⁶ Software também desenvolvido pelo Labic para o processamento de dados.

qualitativa das principais narrativas compartilhadas ao longo do período. Já os metadados sobre a quantidade dos focos de incêndio no Brasil foram coletados pelo Dashboard de Queimadas do Inpe com o filtro de período de 01/2024 - 12/2024.

Após as coletas, foram construídos dois gráficos. O primeiro apresenta uma comparação entre o aumento dos focos de incêndio ao longo de 2024 e as publicações com o termo “queimadas” no Instagram. Já o segundo, categoriza os 50 usuários do Instagram com maior número de interações por postagem em diferentes espectros políticos para revelar a relação entre a discussão ambiental e a politização dessa temática.

Resultados e Discussões

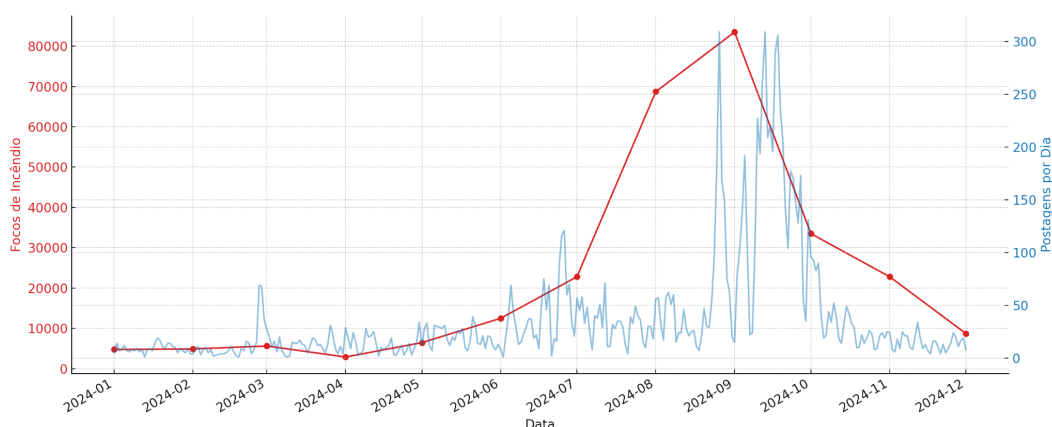
Como exemplo pontual da disputa de narrativas, em julho, mês historicamente marcado pelo aumento de focos de incêndio no país, foi observado o compartilhamento de dados divergentes de institutos de pesquisa sobre o desmatamento que fomentaram a desordem informacional. De um lado, dados do sistema Deter, produzidos pelo Inpe, alertaram para a soma de 204 km² perdidos de vegetação no período de 1 a 12 de julho — mais que o dobro quando comparado com o mesmo período de 2023. Por outro lado, dados do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon) apontaram para o menor desmatamento em unidades de conservação no primeiro semestre dos últimos 10 anos — quase 36% menor quando comparado com o mesmo período do ano anterior.

Embora pareçam conflitar, os dados abordaram intervalos de tempo distintos: os do Inpe analisaram um intervalo de 11 dias, e os do Imazon, um intervalo de 6 meses. Ademais, os dados do Inpe sobre o primeiro semestre do ano assemelham-se aos do Imazon, uma vez que indicam a queda de 38% do desmatamento da Amazônia quando comparada com o mesmo período em 2023.

A incongruência dos resultados científicos foi instrumentalizada pela comunidade online de modo que os dados do Inpe foram utilizados para reforçar a percepção de risco e os dados do Imazon foram invalidados. Diante desse cenário, enfatiza-se o papel central dos dados estatísticos na construção da percepção pública sobre a realidade material. No contexto dos debates acerca das queimadas no Brasil em

2024, observou-se um fenômeno recorrente: a percepção seletiva⁷ de informações científicas com o objetivo de sustentar posicionamentos políticos antagônicos. Quando desvinculados de seu devido contexto metodológico e histórico, os dados deixam de cumprir sua função explicativa e passam a operar como elementos retóricos, reforçando narrativas polarizadas. Tal dinâmica dificulta a construção de consensos críticos e compromete a capacidade da sociedade de formular exigências efetivas por ações públicas concretas. Em vez de promover o engajamento coletivo em torno da resolução de problemas ambientais urgentes, o uso distorcido da informação estatística contribui para a fragmentação do debate e a manutenção da inação.

Imagem 1: Comparação entre o aumento dos focos de incêndio ao longo de 2024 e as publicações com o termo “queimadas” no Instagram.



Fonte: As autoras.

A análise do gráfico revela uma correspondência significativa entre os picos de focos de incêndio em 2024 e a atividade nas redes sociais relacionada à temática, particularmente no Instagram. A compatibilidade dos picos pode ser vista como uma relação de causa e efeito, além de poder ser compreendida à luz do fenômeno da infodemia⁸ (OPAS, 2020). O aumento dos focos de incêndio desperta atenção pública, incentivando a criação de conteúdo nas redes sociais. É importante ressaltar que tal relação não acontece em todos os fenômenos climáticos ou ambientais, ou seja, corresponde a uma situação ambiental que mobiliza comunidades online a publicarem postagens sobre o assunto.

⁷ Percepção seletiva é o nome dado a um fenômeno psicológico segundo o qual, diante de um evento ou elemento, escolhemos focar nossa atenção quanto ao que ver, ouvir e prestar atenção de acordo com nossas crenças pessoais.

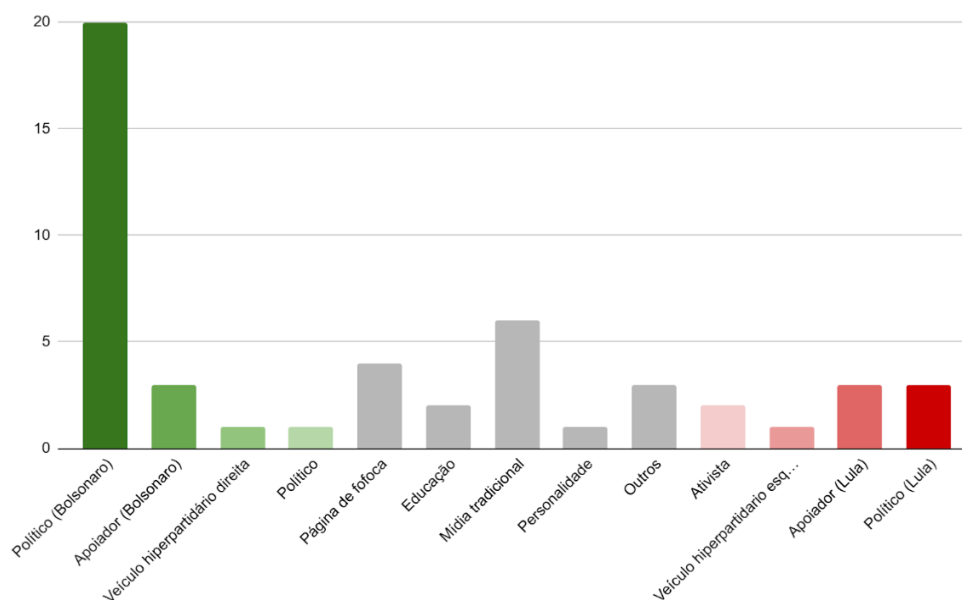
⁸ Termo utilizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para descrever a superabundância de informações, muitas vezes imprecisas ou enganosas, durante crises.

No mês de julho, por exemplo, as publicações sobre queimadas apresentam relativo aumento quando comparado aos meses anteriores, justificado pelos relatórios publicados pelo Inpe e o Imazon. Por mais que os principais picos coincidam, também é possível identificar uma desconexão significativa, em especial no mês de agosto, entre a evolução do fenômeno ambiental e sua repercussão online. O pico de julho foi seguido por uma queda e estabilização das postagens na rede social, mesmo diante de um aumento exponencial nos focos de incêndio durante agosto. Somente em setembro que as publicações voltam a ter compatibilidade com os picos dos focos de incêndio. Esse descompasso demonstra que a atenção pública não necessariamente acompanha a gravidade ou a progressão de um problema concreto, sendo influenciada por dinâmicas próprias das redes sociais, como ciclos de visibilidade e padrões de engajamento.

Nos meses de setembro e outubro, a quantidade de focos de incêndio espalhados pelo país assustou a comunidade digital. Além das maiores perdas nos territórios rurais, a população urbana também se queixava da fumaça que cobria as cidades. As evidências materiais do fenômeno que se intensificava nos meses anteriores ficaram difíceis de passar despercebidas. Durante esses meses, a conversa nas redes revelou um desacordo sobre os motivos para o aumento das queimadas. Entre os principais responsabilizados, destacaram-se as mudanças climáticas, a atuação do agronegócio, a ineficiência do poder público e a ocorrência de incêndios criminosos. Diante das diferentes explicações para o mesmo fenômeno, observou-se que determinados grupos reforçavam hipóteses distintas para sustentar suas posições políticas e ideológicas.

Por conta disso, a polarização política recaiu sobre o tema, separando os grupos que condenam a ação humana pelos incêndios – seja pela emergência climática, seja pela expansão do agronegócio – dos grupos que negam as mudanças climáticas e culpabilizam os atuais governantes pela irresponsabilidade ambiental. Para melhor entender as diferentes narrativas sobre o assunto, foram analisadas as publicações dos 50 usuários do Instagram que obtiveram maior número de interações por postagem – isto é, a soma entre as curtidas e os comentários dividido pelo número de *posts* feitos pelo usuário.

Imagem 2: Gráfico de categorização política dos 50 atores mais relevantes do Instagram de acordo com o total de interações por *post* sobre queimadas.



Fonte: As autoras.

O gráfico acima permite a observação de um espectro do viés político das categorias de atores por meio do esquema de cores verde (para a direita política) e vermelho (para a esquerda política) – com variações de saturação para representar os mais extremos (mais saturado) aos menos extremos (menos saturado). A característica mais explícita do gráfico é a presença acentuada de apoiadores da direita. Sendo a maioria massiva, os atores apoiadores da direita somam 24 perfis. A oposição conta com 7 representantes. Os outros 19 foram classificados como neutros.

Por sua predominância no conjunto de dados, os perfis apoiadores do ex-presidente Bolsonaro foram analisados mais detalhadamente, tornando possível a identificação de algumas narrativas. A principal delas foi a comparação entre as críticas que as gestões de Bolsonaro – 2019-2022 – e de Lula – 2023-presente – receberam devido ao avanço das queimadas. Em especial, os atores políticos apontam para um “silêncio ensurdecedor” dos artistas e ativistas durante o governo petista. A predominância dessa narrativa é uma resposta à repercussão negativa da gestão ambiental da administração de Bolsonaro. Em meio às críticas de diversos setores à sua gestão, seus apoiadores descredibilizavam os dados científicos sobre as queimadas e alegavam que o ex-presidente estaria sendo alvo de *fake news* (Recuero e Soares, 2020).

Esses grupos de apoiadores de Bolsonaro, bem como alguns veículos hiperpartidários⁹, utilizaram os dados de 2024, em especial os sobre o aumento das queimadas, para comprovar que a situação no governo petista era mais grave que a de 2020. Segundo o Dashboard de Queimadas do Inpe, de janeiro a dezembro de 2020 foram identificados 222.780 focos de incêndio no país. Quando comparados com os 278 mil focos do mesmo período em 2024, tem-se o aumento de cerca de 25%. No entanto, ao recorrerem, em 2020, à deslegitimação das informações científicas, classificando-as como distorcidas ou produto de campanhas de desinformação contra o governo, não poderiam, seguindo a mesma lógica, utilizar as estatísticas de 2024 como prova de que a gestão Bolsonaro teria enfrentado uma situação pior – visto que não reconhecem a gravidade do que anteriormente haviam negado. Essa inversão retórica escapa à lógica argumentativa, pois não se sustenta em uma análise das causas estruturais do problema – como as mudanças climáticas ou a intensificação das atividades humanas –, mas sim em comparações políticas seletivas. Em vez de refutar argumentos adversários por meio de contra-argumentação racional e evidencial, essas publicações adotam estratégias de desqualificação do oponente, deslocando o debate ambiental para o campo da disputa simbólica entre governos, e não para a compreensão e enfrentamento do fenômeno.

Os perfis hiperpartidários têm um papel essencial na difusão dessas narrativas, uma vez que criam uma rede que se retroalimenta. Enquanto os perfis de políticos e seus apoiadores compartilham conteúdos dos veículos hiperpartidários, esses, repercutem narrativas congruentes, criando uma rede de atores que interagem intensamente, fortalecendo os seus próprios vieses. Exemplos disso são: a publicação da deputada Carla Zambelli¹⁰, que compartilha uma reportagem da Revista Oeste sobre a “omissão” do governo Lula e o *post* do Conexão Política¹¹ Brasil sobre o silêncio dos artistas acerca das queimadas. Esses perfis beneficiam-se das câmaras de eco e das “bolhas” (Chauí, 2006), uma vez que constroem comunidades harmoniosas e acríticas.

Ainda que alguns veículos, como o Conexão Política Brasil, considerem a influência dos fatores climáticos, a principal narrativa culpa exclusivamente o governo petista, enquanto ironiza termos como “autoridade climática” – órgão criado para auxiliar nas políticas públicas de combate à crise climática – e minimiza a importância

⁹ Para esse artigo, consideramos como hiperpartidários os veículos que se apresentam como alternativos à grande mídia e têm uma ideologia partidária explícita, assim como em Larsson (2019).

¹⁰ Link da publicação: https://www.instagram.com/p/C_6BEE7PPsC

¹¹ Link da publicação: https://www.instagram.com/p/C_IY119pNoZ

das mudanças climáticas. Isso é exemplificado por falas como: “antes a culpa era do Bolsonaro, agora a culpa é das emergências climáticas”.

Tendo em vista a capacidade de engajamento dos conteúdos partidários (Stroud, 2011), a polarização política acaba por desviar o foco da discussão ambiental e climática, transformando as queimadas em instrumento político. Stroud (2011) aponta o potencial das mídias partidárias de engajar politicamente a sociedade, abordando os perigos do engajamento enviesado. O caso analisado no presente artigo reforça esses pontos.

Conclusões

Em uma era marcada pela exaltação da informação, como discutida por Byung-Chul Han (2022), a produção e a circulação de dados estatísticos assumem um papel central nas disputas contemporâneas por legitimidade, especialmente em contextos marcados por crises ambientais. As narrativas sobre as queimadas em 2024 foram marcadas por uma intensa disputa discursiva, impulsionada pela polarização política. Percebe-se que os perfis de hiperpartidarismo, seja de apoiadores, seja de veículos alternativos, instrumentalizaram o episódio das queimadas como ataque político, favorecendo a sobrecarga informacional e a desinformação.

Entende-se que a discussão política deveria engajar a sociedade a cobrar políticas públicas mais eficazes, fomentando a participação ativa e promovendo a análise crítica das conjunturas para preservação ambiental e democrática. Contudo, as análises apresentadas elucidam que a politização do debate ambiental desviou o foco das queimadas como uma questão ambiental urgente, priorizando o discurso político improdutivo. Além disso, o estudo aponta para a subordinação da atenção pública aos novos ciclos de visibilidade e padrões de engajamento, que dificultam o acompanhamento da progressão ou gravidade de um problema de interesse público.

Referências

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

DUARTE, A. DE M.; CÉSAR, M. R. DE A.. **Negação da Política e Negacionismo como Política: pandemia e democracia**. Educação & Realidade, v. 45, n. 4, p. e109146, 2020.

HABERMAS, Jürgen. **A new structural transformation of the public sphere and deliberative politics**. Traduzido por Ciaran Cronin. Cambridge: Polity Press, 2023.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia**. Tradução de Gabriel S. Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

KEMP, SIMON. **Digital 2024: Brazil**. Disponível em:
<<https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil>>. Acesso em 05 jul 2025.

LARSSON, A. **News use as amplification: Norwegian national, regional, and hyperpartisan media on Facebook**. Journalism & Mass Communication Quarterly, 96(3), 721-741. 2019.
Disponível em:
<https://www.academia.edu/38221050/News_Use_as_Amplification_Norwegian_National_Regional_and_Hyperpartisan_Media_on_Facebook> Acesso em: 19 dez. 2024.

LEWANDOWSKY, S. (2020). **Climate change, disinformation, and how to combat it**. Annual Review of Public Health, SSRN, 2020. Disponível em:
<<https://www.annualreviews.org/docserver/fulltext/publhealth/42/1/annurev-publhealth-090419-102409.pdf?expires=1750607490&id=id&acname=guest&checksum=C6AB0CCD37BB569E98FF4C4531EB48C8>> Acesso em: 20 dez. 2024.

OPAS. Organização Panamericana de Saúde. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a Covid-19**. Página Informativa N° 5. Departamento de Evidência e Inteligência para Ação em Saúde. 2020. Disponível em:
<<https://encr.pw/kk21h>> Acesso em: 10 dez. 2024.

POST-TRUTH. In: DICIONÁRIO OXFORD LANGUAGES. Disponível em:
<<https://languages.oup.com/google-dictionary-en/>>. Acesso em: 02 jul. 2025.

RECUERO, Raquel; Soares, F. **A desinformação sobre meio ambiente no Facebook: o caso das queimadas no Pantanal brasileiro**. Journal of Digital Media & Interaction, 3(8), 64-80 (2020).

MISKOLCI, Richard. **Muito além do negacionismo: desinformação durante a pandemia de Covid-19**. Sociologias, v. 25, 2023. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/soc/a/VSJkf7vSCbVgJN4McTMqd4y/>>. Acesso em: 20 dez. 2024.

SANTAELLA, Lúcia. **A Pós-Verdade é verdadeira ou falsa?** São Paulo: Estação das Letras, 2018.

STROUD, N. J. **Niche news: The politics of news choice**. Oxford University Press, USA, 2011